

Albert Camus, O Estrangeiro e o Direito: um pequeno mosaico

Albert Camus, The Stranger and the Law: a little mosaic

Stéphanie Winck Ribeiro de Moura

RESUMO

O Direito materializa-se através de suas estruturas normativas como uma convenção para o bem-estar social que jamais atinge a sua plenitude. Tanto coletiva quanto individualmente a humanidade está sempre buscando um estado ideal impossível de ser atingido. Dessa forma o Direito regulamenta aquilo que é como aquilo que deveria ser. Salvo exceções, as leis têm como características a impessoalidade e a generalidade, a fim de oferecer justiça aos litígios ao invés de arbítrios e privilégios. Dessa forma, a criação das leis objetiva a sociedade como um todo e não indivíduos singulares. Apesar das leis os homens avaliam a si mesmo e aos outros a partir da moral estabelecida que também serve também, através dos costumes, como fonte secundária do Direito. O protagonista da obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus, apresenta-se como um estrangeiro na sociedade, apesar dela fazer parte. Ele não conforma-se com um padrão moral absoluto e vive a partir de suas próprias regras. Meursault além de subtrair-se à moral coletiva, fere a estrutura normativa imposta. Sem motivos razoáveis, tampouco a partir de uma premeditação, ele mata um árabe que ironicamente, no contexto político-social do local do crime, é estigmatizado por ser um estrangeiro. Assim, tendo como fonte a pesquisa bibliográfica, o artigo analisa os aspectos filosóficos, econômicos, políticos e sociais na tentativa de demonstrar a integralidade e a singularidade, tanto do autor como do personagem principal da obra “*O Estrangeiro*”. Tem-se então um pequeno mosaico a fim de refletir a vida e o Direito.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Direito; *O Estrangeiro*

ABSTRACT

The Law is materialized through their regulatory frameworks as a convention for the social welfare that never reaches its fullness. Collectively as well as individually humanity is always looking for an ideal state impossible to achieve. The law regulates what is in the way what

ought to be. With some exceptions, the laws are characterized by impersonality and generality in order to provide justice **to disputes** rather than wills and privileges. Thus, the creation of the laws objective the society as a whole and not single individuals. Despite laws, men judge yourself and others from the established morality which also serves incidentally, through customs, as a secondary source of law. The protagonist of the book *The Stranger* by Albert Camus, is presented as a foreigner in society, although his part of it. He doesn't conform yourself to a standard absolute moral and lives from their own rules. Meursault escapes the collective morality, however, hurts and is arrested by regulatory framework imposed. Without reasonable cause, either from a forethought, he kills a man who ironically, by the political and social context of the crime scene, is stigmatized for being a foreigner. In this moment he realize to the fact that he is a foreigner, marginalized. Having sourced from bibliographic research, the article analyzes the philosophical, economic, political and social issues in an attempt to demonstrate the integrity and uniqueness of both the author and the main character of the book "The Stranger". It's a small mosaic to reflect the life and Law.

KEY-WORDS: Literature; Law; The Stranger

1. Introdução

A palavra *mosaico* remete à técnica que trabalha pequenas peças de pedra ou de outros materiais como plástico, areia, papel ou conchas. Formado de pequenas imagens, diligentemente escolhidas e postas no devido lugar, o mosaico constitui-se em uma única imagem, capaz de causar espanto em quem a vê, gerando apreço sobre sua configuração. Vislumbramos a harmonia entre cores e formas, entre o pequeno e o grande, refletida na obra do artista.

A tarefa do estudioso de uma determinada obra é buscar em seu autor o contexto e as circunstâncias que lhe deram causa, pois o mosaico que constitui o legado de todo autor ampara-se nas pequenas peças que a vida lhe outorgou. Pretendemos na primeira parte deste trabalho formar um breve mosaico com fragmentos da vida de um autor que, resistindo às ideologias de sua época, (do nazismo e fascismo), soube criar mosaicos inesquecíveis com as letras, utilizando-se das árduas situações vividas para construir uma obra que não só lhe rendeu o prêmio Nobel, em 1957, mas que, sobretudo, influenciou o curso do mundo em questão.

2. Vida e obra do autor Albert Camus

Camus viveu sob circunstâncias que implicavam em superação dia após dia. Para começar, seu nascimento se deu dentro de uma carroça, na zona rural da Argélia, em uma época em que seu país enfrentava sérios conflitos sociais, econômicos e políticos, em prol da independência em relação à França. Nessas condições, a condição de pobreza de sua família era iminente. Seu pai trabalhou em uma vinícola, concedida aos colonos pela metrópole a preço de altos tributos, o que garantia à família um relativo privilégio dentro de uma sociedade de rígida divisão social, na qual os árabes eram praticamente alijados de direitos (FONSECA, 2010).

No entanto, com a morte de seu pai na Primeira Guerra Mundial, logo após o seu nascimento, essa condição de relativo privilégio social foi suprimida fazendo com que a família de Camus mudasse para a capital Argel, de frente para o Mar Mediterrâneo, mar este que separava a colônia Argélia, da sua metrópole europeia França. Em Argel, sua mãe e sua avó trabalharam como domésticas e seu tio como tanoeiro. Sabe-se que sua mãe fora vítima de estupro e sua avó era uma pessoa rígida. Camus tinha um irmão, que morava na mesma casa (FONSECA, 2010).

Apesar de ser tuberculoso, ele era sedutor e carismático. Importava-se muito com sua forma física. Foi goleiro de um time de futebol por muito tempo até se afastar por condições de saúde. Em sua vida, dedicou-se a vários empregos como o de trabalhar no serviço meteorológico da Faculdade de Argel e também o de vendedor de peças de automóveis. Desde menino demonstrou talento apreciável e contou com a ajuda de dois professores para prosseguir seus estudos. Sob a tutela de Jean Grenier, em 1936, defendeu a tese intitulada “Metafísica cristã e neo-platonismo” (MARTINELLI apud TODD, 1992).

Segundo Fonseca (2010) as escassas condições financeiras que lhe oprimiam tiveram fim com o prestígio advindo dos livros *O Estrangeiro*, *o Mito de Sísifo* e *A Peste*. Sobre Camus e sua obra a autora comenta (2010, pág. 108):

Camus (2006) situa os escritores Balzac, Sade, Melville, Stendhal, Dostoiévski, Proust, Malraux, Kafka, entre outros, como sendo escritores filósofos, pois eles, no exercício de criação, se utilizam de imagens e da sensibilidade do pensamento, fazendo com que a filosofia complete o romance. Nesse sentido, a obra de Camus também pode ser definida pela abordagem filosófica. Os próprios ensaios filosóficos de Camus completam seus romances, já carregados

de abordagem filosófica. E na própria filosofia camusiana visualiza-se o discurso poético [...] A obra de Camus é composta, por uma enorme diversidade de gêneros. Ele foi romancista, dramaturgo, ensaísta, contista, teve uma sólida carreira jornalística, e ainda investigou a teoria da literatura.

Suas vivências foram responsáveis por sua obra, cuja contribuição ideológica foi de extenso valor. Em uma sociedade marcada por mutilações, quando o opaco peso de concreto fragmentado fazia os corações se enrijecerem com uma completa falta de sentido, Camus, junto a outros intelectuais da época, trouxe, com suas obras, um frescor e um alívio. Uma ideologia que veio a calhar quando todos pensavam na necessidade de sair das trincheiras para recuperar as próprias vidas. É a filosofia do absurdo, de Camus, junto ao existencialismo de Sartre que vão ditar os caminhos a serem seguidos por aqueles que almejam liberdade em meio à escuridão do pós-guerra.

O personagem Sísifo, por exemplo, do ensaio *O mito de Sísifo*, é um homem que vive sua existência a rolar uma pedra montanha a cima e quando chega ao cume a vê rolar abaixo. Para Martinelli (2011), ele pode ser comparado aos homens que sobreviveram a Primeira Guerra Mundial e que em menos de 30 anos se viram imersos na Segunda Grande Guerra. Igualmente representa o ideal eterno do ser humano de atingir o topo de sua existência, fazendo para isso enorme esforço.

“Je vois cet homme redescendre d’un pas lourd mais égal vers le tourment dont il ne connaîtra pas la fin. Cette heure qui est comme une respiration et qui revient aussi sûrement que son malheur, cette heure es celle de la conscience. [...] La lute elle-même vers le sommet suffit à remplir un coeur d’homme. Il faut imaginer Sisyphe heureux.” (NARTEAU; NOUAILHAC, 2010, p. 317)ⁱ

De fato, em sua vida, Camus sentiu o peso de rolar a pedra inúmeras vezes e de vê-la cair no momento exato em que esperava descansar de seu esforço. Logo após graduar-se na Argélia, sua expectativa de tornar-se professor foi frustrada devido a sua debilitada saúde. Na vida amorosa, Camus enfrentou a dor de descobrir-se traído por sua esposa, Simone Hié, ao voltar de uma viagem (Fonseca, 2010). No entanto, sua segunda esposa, Francine, que lhe acompanhou à cerimônia do Premio Nobel (1957),

foi descrita como “possuindo uma delicada beleza que impressionou todo mundo” (STROMBERG, 1971)ⁱⁱ.

Além de seus dois casamentos, Camus teve vários outros romances.ⁱⁱⁱ Engajou-se em atividades jornalísticas e fundou com alguns amigos o *Théâtre de Equipe*, atuando também na *troupe Radio-Alger* em excursões teatrais pelo interior da Argélia^{iv}. Sob a influência desses amigos filiou-se ao Partido Comunista, no entanto foi expulso devido a sua insistência em encenar peças que versavam sobre temas além do marxismo. Em sua militância política, a resistir da opressão alemã, Camus torna-se do editor do jornal clandestino *Combat*, que o fez lidar com a elite de intelectuais da época.

Com o sucesso de seu livro *O Estrangeiro* Camus foi reconhecido entre os intelectuais da vanguarda pós-guerra e desenvolveu uma amizade intensa com Sartre, que fez uma profunda e bem elaborada crítica de seu romance, reconhecendo o talento de Camus como escritor e manifestando o desejo de conhecê-lo pessoalmente. O encontro teve sua oportunidade na estreia da peça sartreana *As moscas* (1942), em Paris, na qual Camus foi até ele apresentando-se como sendo o autor de *O Estrangeiro*. Estabeleceram então uma amizade que se estendeu por quase dez anos terminando de forma drástica em um embate intelectual e em críticas mútuas (FONSECA, 2010).

As lentes do historiador contemporâneo Hobsbawn (1995, p. 165) nos afirmam que os movimentos de resistência europeus tiveram seu maior significado nos sentidos político e moral e que, sobretudo na França, careciam de apoio popular. Foi exatamente nesse aspecto que o escritor-jornalista se empenhou com seu jornal *Combat*. Para Martinelli (2011, p. 40) as posições de Camus “acerca do conflito mundial estão presentes na medida exata entre a necessidade de resistir diretamente – e talvez até violentamente – ao opressor nazista e a urgência em caminhar no sentido de arrefecer os ânimos”.

Assim como em sua militância no partido comunista, Camus não se resignou em encenar peças que versavam apenas sobre o marxismo, entendendo como importante transcender à questões essenciais sobre o modo de ser do homem, na sua atividade jornalística, ele não concordou em reproduzir compulsoriamente uma nova corrente de pensamento (existencialismo) para substituir ou contra atacar as ideologia funestas que haviam se espalhado pelo mundo (nazismo, fascismo). Assim foi criticado por Sartre e Beauvoir, sua companheira:

Entregara-se a ela [a política] na medida em que ali percebia “o endereço direto do homem a outros homens”, isto é, uma moral. Certo dia, Sartre lhe reprovara essa confusão: “O Combat faz moral demais, e não política suficiente”. Camus se abespinhou. [...] Não gostava das hesitações nem dos riscos que a reflexão política implica; precisava estar seguro de suas ideias para ficar seguro de si. Reagia às contradições da situação desinteressando-se dela [...] O existencialismo o aborrecia. [...] Tinha de si próprio uma ideia à qual nenhum trabalho nem nenhuma revelação teria podido fazê-lo renunciar. [...] ele concordava em que nossa presença forçava sua simpatia, mas que, à distância, irritava-se muitas vezes contra nós. [...] O sucesso de *O Estrangeiro* e a vitória da resistência o tinham convencido de que conseguiria realizar tudo o que empreendesse. [...] Ele amava a natureza sobre a qual reinava, mas a história contestava seu individualismo, e ele se recusou a dobrar-se a ela. Essa mesma recusa o fez cair em desvantagem: a história o transformou de “realidade exemplar” em “afirmação vazia de um ideal”, como escreveu Sartre em 1952. (BEAUVOIR, 1995, p. 102-106)

Österling (1957), em seu discurso de recepção por ocasião da entrega do prêmio Nobel de literatura a Camus, referiu-se ao filósofo como existencialista. ^v Sobre a dificuldade de enquadrar Camus como autor existencialista Reynolds (2013, p. 30) esclarece que há motivos para omitir Camus do grupo dessa corrente filosófica. Primeiro, Camus não era um filósofo acadêmico, sua leitura era quase autoexplicatória e não havia necessidade de muita exegese sobre ela, nesse sentido Camus foi mais prático por meio de seus romances e peças do que técnico e analítico. Todavia, segundo o autor, é inevitável associá-lo aos existencialistas, uma vez que sua obra corresponde aos elementos primordiais dessa corrente filosófica.

Os temas fundamentais do existencialismo segundo Reynolds (2013: pág. 13) são:

liberdade; morte, finitude e mortalidade; experiências fenomenológicas e “disposições” como angústia (ou ansiedade), náusea e tédio; ênfase sobre autenticidade e responsabilidade assim como a tácita condenação de seus opostos (inautenticidade e má-fé); uma sugestão de que a individualidade humana tende a ser obscuridade e negada pelos costumes sociais comuns da multidão; uma rejeição de qualquer determinação externa de moralidade ou valor, incluindo certas concepções de Deus e a ênfase na racionalidade e no progresso que foram destacadas durante o Iluminismo.

Em 1949 Camus esteve no Brasil, como conferencista. Suas impressões foram anotadas em seu *Diário de Viagem*, publicado pela Editora Gallimard em 1978. Em síntese, ele esteve melancólico no navio que o trouxe, junto a pessoas que considerou enfadonhas, buscando no mar a contemplação necessária que lhe faria suportar a viagem e a própria vida. Já à bordo confessa pensamentos suicidas e durante todo o percurso no Brasil anotou sentir uma tristeza profunda e escondida, pautada pela solidão. Em um dia específico escreveu: “*Sempre apaziguei tudo no mar, e essa solidão infinita me faz bem por um momento, se bem que tenha a impressão de que esse mar hoje revolta todas as lágrimas do mundo*” (1978, p. 58).

Camus desembarcou no Rio de Janeiro no dia 15 de julho e entre um hotel de luxo e um quarto na residência da Embaixada, preferiu o quarto. A respeito dos modos dos brasileiros são reveladores dois momentos, em seu *Diário*, durante seu primeiro almoço acompanhado de S. e um “señorito” Camus conclui: “Essa grosseria, essa falta de modos, se expõe de forma tão natural que se torna amável” (1978, pág 81). E em outra oportunidade relata (1978, pág 127): “Observo, mais uma vez, a refinada polidez brasileira, talvez um pouco cerimoniosa, mas que, mesmo assim, é melhor que a grosseria europeia”. Como ele diria em situações como estas: tratamos d’“os Seres” (1978, pág 76-77) tão múltiplos e contraditórios em sua diversidade ôntica-ontológica.

Foi levado a conhecer rituais do candomblé bem como um espetáculo do bumba-meu-boi. Criticou a repetida arquitetura barroca nas visitas às igrejas e disse serem elas a única coisa a ser vista no país, além da vida verdadeira (1978, pág 107). Conheceu a Bahia, retornou ao Rio, passeou na favela, visitou Iguape (Bom Jesus) e foi a São Paulo, onde se encontrou com Oswald de Andrade, entre outros artistas e intelectuais brasileiros, terminando sua expedição no Brasil em Porto Alegre. Ao perceber a profunda desigualdade social do país comentou: “Nunca o luxo e a miséria me pareceram tão insolentemente mesclados” (1978, pág 76).

Em sua vida, Camus demonstrou ser sensível às desigualdades sociais que percorrem todo o mundo. Infelizmente o autor veio a óbito em 1960, aos 46 anos de idade, de modo imprevisível, em um acidente fatal de carro no qual estava acompanhado pelo o editor da Gallimard. Sua morte súbita pode ser entendida como a coroação da sua filosofia do absurdo que será melhor entendida na segunda parte desse artigo.

Conclui-se o pequeno mosaico de sua vida com um trecho de seu discurso quando laureado pelo Prêmio Nobel:

“Cada geração, sem dúvida, julga-se destinada a refazer o mundo. A minha, entretanto, sabe que não o reformará. Mas o seu papel talvez seja maior. Consiste em impedir que o mundo se desfaça. Herdeira de uma história corrompida onde se misturam as revoluções decaídas, as técnicas que enlouqueceram, os deuses mortos e as ideologias extenuadas, onde poderes medíocres podem, hoje, destruir tudo, mas não sabem mais convencer, onde a inteligência se abaixou ao ponto de se tornar a escrava do ódio e da opressão, esta geração foi obrigada a nela própria e em torno dela restaurar, a partir unicamente de suas negações, um pouco daquilo que faz a dignidade de viver e morrer” (CAMUS, 1957).

2. “O Estrangeiro” – uma abordagem jurídico filosófica

O livro *‘O Estrangeiro’*, de Albert Camus, nos conta a saga de um homem chamado Meursault que logo após o enterro da sua mãe diverte-se com a namorada e sem motivo aparente, em um passeio à praia, assassina um árabe, fato que o leva a um julgamento no qual é condenado à pena de morte.

O Sr. Meursault (do francês, Meurt-Soleil, Morte-Sol)^{vi} é um entre muitos indivíduos que habitavam a cidade, dispendo de traços peculiares e perceptíveis a uma investigação atenta sobre sua personalidade. Um mero contato com um homem como Sr. Meursault levaria-o a uma concepção duvidosa sobre sua natureza. Para Olivio e Siqueira (2008, pág 272), por subtrair-se dos julgamentos, Meursault subverte a ordem fundamentada no pacto social e passa a ser visto como um inimigo de acordo com a tese de Gunter Jakobs^{vii}, sendo julgado não pelo seu ato que infringe a norma jurídica, mas por um modo de viver que infringe a moral dominante.

“É o confronto absurdo – entre uma sociedade em que não existe espaço para quem pense diferente e um homem em cuja vida não há espaço para a sociedade. Uma sociedade moralmente opressora e um homem que segue sua própria moral. Não existiria possível conciliação, pois cada qual está cego pela própria verdade.” (idem, 2008)

O primeiro e principal absurdo de Meursault relaciona-se com sua mãe. Ele colocou-a em um asilo e, após três anos, não tendo ido visitá-la com frequência, apareceu insensível em seu velório, não fazendo questão de vê-la no caixão e muito menos derramando lágrimas, sem saber ao certo o dia em que ela morreu. A sociedade em questão justifica-se baseada na lógica e na razão, o que contrapõe a indiferença de Meursault. O diretor do asilo lhe diz: “O senhor não lhe podia suportar as despesas. Ela precisava de uma enfermeira [...] Sabe o senhor, aqui ela tinha amigos, pessoas da mesma idade.”^{viii} No entanto Meursault, em sua sinceridade, contempla: “a visita me tomava o domingo todo sem contar o esforço para ir para o autocarro comprar os bilhetes e fazer duas horas de viagem.”^{ix}

Meursault nasceu para desmascarar o cinismo e o vazio por trás da sociedade como um todo e do indivíduo como elemento principal. O homem é um nada, abandona aqueles que ama e também é abandonado. O homem é impotente perante as desgraças presentes, e por isso mesmo finge não as ver. O Estrangeiro está ali justamente para dissecar aquilo que está errado e nos abrir os olhos para a estupidez de nossas falsas regras morais. (ARAKI, 2011)

Exemplo da falta de sinceridade social é o diálogo vivido por Meursault no velório de sua mãe com um funcionário do asilo que se intriga porque Meursault não quer que lhe abra o caixão, já parafusado, e insiste com um “Por quê?”^x Pela entonação, mais do que uma indagação esse “por quê?” revela-se como uma condenação, uma resposta à flagrante falta de trejeito moral de Meursault, sua [in]diferença.

Meursault, por sua vez, interpreta o porteiro como se não o estivesse censurado, “como se só pedisse uma informação”^{xi}, e responde: “Não sei”^{xii}. O porteiro que obviamente, não entendeu sua motivação ou falta dela retorna dizendo: “Compreendo”^{xiii}. Um diálogo clássico de um cotidiano em que as pessoas fingem importarem ou compreenderem umas às outras. Neste ponto, podemos lembrar a necessidade de diálogo autêntico trazida pela peça *O Mal Entendido* (1944), do mesmo autor.

Se obedecermos a uma regra moral visando a outros fins além daqueles que nela se contêm, nosso ato não é de moralidade pura. Se nos

manifestarmos fiéis às regras morais, por interesse, para nos mostrarmos virtuosos perante os outros, por vaidade, em mero conformismo exterior, nossa conduta está inquinada de um vício que a compromete em sua essência. (REALE, 2002, p. 658)

Imerso em um sociedade sistematizada pelas estruturas econômicas e políticas dominantes, Meursault, apesar de ser um homem de rendimentos modestos, tinha um raciocínio crítico que demonstrava não ser um indivíduo alienado, mas sim dado a uma revolta consciente. Quando, ao pedir uma folga de dois dias para o chefe, percebe sua insatisfação, justifica-se. Logo depois, conclui que tal atitude fora desnecessária, pois não havia obrigação de se justificar perante o patrão – como se desejasse solapar a dominação que o patrão inevitavelmente exercia sobre ele. E quando este o convida para fazer parte de um empreendimento, em Paris, ele recusa, pois a vida, segundo ele, é a mesma em todo o lugar.

Albert Camus, através de Meursault, critica o pensamento cartesiano e o capitalismo dominante com seu tecnicismo implacável, em que o homem passa a ser um instrumento: “o maquinismo mais uma vez esmagava tudo: era-se morto discretamente, talvez com um pouco de vergonha, mas com muita precisão”^{xiv} e reflete na prisão “O que neste momento me interessa, é fugir à engrenagem, saber se o inevitável pode ter uma saída”^{xv}.

Para Österling (1957)^{xvi} “O essencial para Camus não é mais saber se a vida vale a pena ser vivida, mas como é preciso vivê-la, com o quinhão de sofrimentos que ela comporta”.

Meursault seria a encarnação do homem jogado a uma vida sem sentido, vítima de mecanismos sociais que, sob o disfarce das grandes palavras – o Direito e a Justiça -, somente escondiam gratuidade e irracionalidade. Há uma interpretação positiva como sendo o protótipo do homem autêntico, livre das convenções, incapaz de enganar ou de se enganar, a quem a sociedade condena por sua inépcia para dizer mentiras ou para fingir o que não sente. Mártir da verdade, Meursault vai para a prisão, é sentenciado e presumivelmente guilhotinado por sua incapacidade ontológica para dissimular seus sentimentos e fazer o que fazem os outros homens: representar (LLOSA, 1988).

Para Olivio e Siqueira (2008, p. 261) “esse aprisionamento existencial fruto do confronto entre o desejo apaixonado por clareza do homem e sua incapacidade de entender e compreender o mundo, é a essência do absurdo”. Para Meursault, tanto faz. No entanto, “depois do choque representado pelo assassinato do árabe, ele é condenado à morte e descobre a beleza da vida, modificando sua postura e fazendo emergir de dentro de si a revolta” (LAURITI, 2009, p. 29).

Com o assassinato do árabe, o *outro*, a quem Camus deu tanta importância em vida, por representar uma classe marginalizada, interiorizou-se no autoconceito do autor do crime. Estrangeiro para Meursault não é mais o árabe, mas sim ele mesmo. Meursault agora é marginalizado pelo crime que cometeu. E a partir de então, cabe ao Direito, através do promotor de justiça, conseguir condena-lo à pena retributiva pelo crime que cometeu. No tribunal do júri, o promotor de Direito monta um discurso que exagera a conduta de Meursault, desvelando o panorama de sua integralidade e expondo apenas as partes que lhe convém.

A vida e o homem não se compõem de atos singulares, do mesmo modo que o mar não é composto por ondas singulares. São totalidades, e os seus atos singulares são movimentos de um todo indivisível, que se interpenetram. O tormento dos homens colhidos pela máquina do direito é que sofrerão impotentes a deformação da imagem de um fato ou de uma vida – da qual foram violentamente arrancados – pelo fato de que só são considerados em sua particularidade casual. Pertence à essência irrenunciável da ciência do direito ver somente árvores isoladamente, não a floresta. (RADBRUCH, 2010)

A “verdade” já chega distorcida no tribunal. É a *Idea*, proveniente da metafísica platônica, que Heidegger, em seus escritos, tanto critica (Michelazzo, 1999), que decide se ele deve ser absolvido ou condenado^{xvii}. Esta *idea* é a representação que o promotor faz do réu a fim de persuadir os jurados. Astuta é a percepção que Meursault estabelece no banco dos réus: “eu estava no banco de um bonde e todos esses anônimos espiavam o recém-chegado para observar o que tinha de ridículo [...] aqui [no tribunal] não era o ridículo que eles procuravam, era o crime”^{xviii}.

“Compreendemos que *O Estrangeiro* pode ser também lido como uma sátira da comédia social, colocada como uma caricatura do cerimonial da justiça e que Meursault descobre da mesma maneira que Cândido ou o Ingênuo de Voltaire. Se ele fosse apenas vítima de um erro judiciário, a sátira seria mais anedótica. A reconstituição do promotor fazendo de uma sequência de acasos uma maquinação digna de um crápula é abusiva.[...] A questão posta pelo *O Estrangeiro*, para além do caso de Meursault, é mais fundamental: “Quando julgamos, quem julgamos e em nome de quem?” (BAUMARCHAIS; COUTY, 1997)

Dessa forma, a obra propõe uma reconsideração das “verdades” buscadas pelo Direito. Marilena Chauí (1995, pág. 108):

A verdade é ao mesmo tempo, frágil e poderosa. Frágil porque os poderes estabelecidos podem destruí-la, assim como as mudanças teóricas podem substituí-las por outra. Poderosa, porque a exigência do verdadeiro é o que dá sentido à existência humana.

Meursault, uma pessoa que “não falava por falar”^{xix}, foi descrito pelo promotor para os jurados, jornalistas e demais presentes como um homem frio, que não se importava com os outros, o que contrariava o fato de que a sua personalidade se preocupava em contentar as pessoas, dentre elas pessoas marginalizadas pelas quais punha em perigo a sua própria reputação. Podemos atestar isso na amizade com seu vizinho, que era agiota, cafetão, bom de briga e ainda batia na mulher. Sr. Meursault, entretanto, contrapõe o “ninguém parece gostar dele”^{xx} com o “não tenho motivos para não contentá-lo”^{xxi}, lhe servindo também como testemunha em um problema com policiais.

Com o advogado indicado pelo Estado, que foi frio e rude de um jeito que o desagradou, Meursault quis “angariar a estima, não pelo caso em si, mas por assim dizer, naturalmente”^{xxii}. Com os juízes que pretendiam condená-lo, Sr. Meursault sentia-se com um redondo “fazer parte da família”^{xxiii}. À Maria, a mulher que pretendia casar-se com ele, mesmo não a amando, fazia o que era necessário para vê-la sorrindo. Mais do que isso, dava ouvidos a Salamano, o velho solitário que, após ter perdido a mulher, contentava-se em bater no cachorro. E essencialmente sobre sua mãe, Meursault disse ao advogado: “preferia que não tivesse morrido”^{xxiv}.

A falta de juízo do Sr. Meursault em contrariar a moral imposta pela sociedade, angaria uma enorme simpatia do leitor, que o vê como um herói singelo diante da vida cotidiana que, por sua vez, lhe trai, justamente na parte mais feliz. É o absurdo do não-sentido da vida, do acaso, da gratuidade dos acontecimentos. Banhando-se na praia com sua namorada, ele se vê com a arma do seu amigo, Raymond, sob uma circunstância atenuante, o sol quente e eis que dispara um tiro, seguido, após um tempo, de mais quatro tiros no corpo já inerte de um árabe, inimigo de seu amigo. “E era como se batesse quatro breves pancadas à porta da desgraça”,^{xxv} refletiu Sr. Meursault.

Em *O Estrangeiro*, Camus também denuncia a fragilidade do julgamento humano. Ao criar uma cumplicidade entre o leitor e Meursault, na primeira parte do livro, ele consegue fazer com que o leitor simpatize com o grande assassino de sua história. Em seu julgamento não se sabe mais quem é culpado e quem é inocente. (Oliveira e Siqueira, 2008)

“La société découvre dans le comportement des gens d’inaffiables liens de causalité. S’adressant, em l’ocurrence, à um être qui ne s’est jamais interrogé sur le “comment” ni le “pourquoi” des choses, elle démasque son incapacité à adapter son système à individualité de chacun”^{xxvi}.

Isso se dá “pois a norma moral vale para os homens isoladamente, e o preceito jurídico para os homens em suas relações recíprocas” (Radbruch, 2010, p.153). A moral pressupõe autonomia. Meursault era fiel à própria moral e não à da sociedade. Por sua vez, “no mundo jurídico, não é indispensável essa correspondência íntima ou essa “fidelidade integral a nós mesmos”, que é a nota essencial da vida moral.” (Reale, 1999, p. 661)^{xxvii}

A revolta de Meursault atinge seu ápice quando se percebe preso pelo laço do Direito. Condenado pelo sistema a viver sob a luz quadrada da janela de sua cela ele se revolta e não admite a infelicidade. Fica indignado com a sentença que reduz seus dias, mas se sente livre da obrigação, a qual sempre se subtraiu, de ter que corresponder aos padrões impostos pela sociedade. Sua morte é também sua liberdade.

Perguntamos se a felicidade de Meursault, mesmo condenado à morte, é possível. MAY^{xxviii} apud SUECKER (2008) responde:

“Quando a vida é reduzida ao simples fato de existir, e quando nada tem significado, existe ainda a liberdade básica, quer dizer, a liberdade de escolher a atitude a tomar para com o próprio destino. Isto pode não modificar o destino, mas modifica enormemente a pessoa”.

3. CONCLUSÃO

A vida de um homem constitui-se através das estruturas que o cercam, sejam elas: a linguagem, a moral, o Direito, a economia, a política e a filosofia ou método de pensar subjacente a todas elas. Não obstante serem rígidas e poderosas através das gerações, conformando os homens às suas estruturas, fazendo com que fique preso à convenção que ele mesmo criou, elas são subjugadas pela capacidade do homem de criar a si mesmo e as transformá-las. O homem assim torna-se autêntico, rompendo com a convenção torna-se edificante de uma nova sociedade.

Na ótica existencialista não existe um padrão moral absoluto que deva ser seguido e Meursault, personagem central da obra de Camus, demonstra a coragem necessária de sair das trincheiras ou mesmo das cavernas para iluminar-se e aos outros também com sua própria forma de vivenciar o mundo. O homem autêntico está além da moral dominante, das representações do método de pensar ocidental iniciado por Platão, desenvolvido pelos escolásticos e que tem como marco contemporâneo o filósofo Descartes.

Com esse método de pensar cartesiano, que acabou por fundar uma sociedade imperialista, utilitarista, cientificista e opressora a qual a própria moral é utilizada como um meio, ao invés de um fim e o Direito igualmente não constitui-se como um sistema de justiça pleno, apresentando suas irregularidades, como no julgamento de Meursault, no qual a condenação é muito mais moral do que propriamente pelo crime que cometeu. Se Meursault não fosse quem era, provavelmente teria uma pena diminuída e a liberdade de continuar vivendo em seu mundo absurdo, cuja liberdade é conquistada através da subjetividade em ver o mundo através de lentes próprias, diferentes das concedidas pelo sistema político-econômico-social dominador.

Percebe-se que o racionalismo bem como ao Iluminismo apesar de terem constituído mudanças proveitosas para a época, não se sustentam hoje, são como uma tocha apagada a ser empunhada por uma sociedade que está em chamas, auto-flagelando-se em uma crise existencial que além do indivíduo percorre as estruturas da sociedade.

O herói da novela vive aparentemente bem, contentando-se com a filosofia do absurdo de seu autor, sem esperanças ou ilusões, até que algo drástico acontece. O crime e a condenação de Meursault podem ser visualizados como a pedra que rola montanha abaixo, a exemplo Sísifo. Mas logo Meursault com a resiliência pregada pelo seu autor, a coloca de volta nas costas.

Para Gonçalves Jr. (2005) “o motivo legítimo e verdadeiro que impulsiona e determina a atitude humana é uma opção original absolutamente livre. É um projeto fundamental, que denota a singularidade do humano, a criação de si mesmo”.

No tédio da prisão, esperando os dias passarem até a sua pena se concretizar, Meursault testemunha: “Minha mãe costumava dizer que nunca se é completamente infeliz”^{xxix}. Enjaulado, para ele: “todo problema estava em matar o tempo”.

NOTAS

ⁱ “Eu vejo esse homem descer e descer de um passo pesado mas igual em direção ao tormento do qual não se conhecerá fim. Essa hora que se apresenta como uma respiração e que retorna tão seguramente quanto sua infelicidade, essa hora é aquela da consciência. A própria luta em direção ao cume basta para preencher o coração do homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.” NARTEAU, Carole et; NOUAILHAC, Irène. *Littérature Française: les grands mouvements littéraires*. Paris: Grand Librio, 2010. (Memo 993), page 317. Tradução de Walter Mendes dos Santos, Unasp, 2012.

ⁱⁱ STROMBERG, Kjell – “Pequena História” da Atribuição do prêmio Nobel a Albert Camus in *A peste*, Editora Opera Mundi, Rio de Janeiro, 1971 – pagina 17

ⁱⁱⁱ FONSECA, Ludmilla Carvalho. *O homem extraordinário de Fiódor Dostoiévski e o homem revoltado de Albert Camus*. Brasília, 2010, p. 96.

^{iv} MARTINELLI, Bruno Oliveira. A filosofia camuflada de Jean-Paul Sartre e Albert Camus. São Paulo, 2011, p. 29.

^v “Camus representa igualmente o movimento filosófico que traz o nome de existencialismo”
Discurso de Recepção pronunciado por Anders Österling, secretário perpétuo da academia sueca por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de literatura a Albert Camus no dia 10 de dezembro de 1957 – in A PESTE –Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1971.

^{vi} Há um jogo de palavras entre o herói de *A Morte Feliz* e o herói de *O Estrangeiro*. No primeiro o herói é Mersault, Mer-Soleil: Mar-Sol. No segundo, ele se torna Meursault, que seria Meurt-Soleil, Morte-Sol. É um jogo de palavras interessante, porque cruza no nome do personagem o enredo do livro. Será de frente para o mar que ocorrerá a morte do árabe pelo herói, que por sua vez será condenado à pena de morte. L'Étranger. IN: BAUMARCHAIS, Jean-Pierre; COUTY, Daniel. Dictionnaire des Grandes Oeuvres de la Littérature Française. Paris: Larousse, 1997. (In Extenso), pages 435-438. Tradução Prof. Dr. Walter Mendes dos Santos, Unasp, 2012.

^{vii} A tese de Günter Jakobs, divulgada primeiramente em 1985, defende ser inimigo do Estado quem se afasta de modo permanente do Direito e não oferece garantias cognitivas de que vai continuar fiel à norma. Cf. GOMES, Luis Flávio. Direito penal do inimigo. Disponível em: <www.revistajuridicaunicoc.com.br/midia/arquivos/ArquivoID_47.pdf>. Acesso em: 23/06/2012 à 01:10

^{viii} Camus, Albert. O Estrangeiro. Trad. Maria Jacinta e Antonio Quadros. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

^{ix} Idem, p.4.

^x Idem, p. 5.

^{xi} Idem.

^{xii} Idem.

^{xiii} Idem.

^{xiv} Idem, p. 77.

^{xv} Idem, p. 74.

^{xvi} ÖSTERLING, Anders – Discurso de Recepção por ocasião da entrega do Prêmio Nobel de Literatura a Albert Camus no dia 10 de dezembro de 1957 in A peste – Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1971, p. 22.

xvii

^{xviii} Camus, Albert. O Estrangeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1982. , p. 57.

^{xix} Idem, p.63.

^{xx} Idem, p. 21.

^{xxi} Idem, p.21.

^{xxii} Idem, p. 45

^{xxiii} Idem, 49.

^{xxiv} Idem, p.45.

^{xxv} Idem, p. 43.

^{xxvi} “A sociedade descobre no comportamento das pessoas infalíveis traços de causalidade. Endereçando-se na ocorrência a um ser que não é jamais interrogado sobre o “como” nem o “porque” das coisas, ela desmascara a sua incapacidade de adaptar seu sistema à individualidade de cada um.” Tradução de Walter Mendes dos Santos - L'Étranger. IN: BAUMARCHAIS, Jean-Pierre; COUTY, Daniel. Dictionnaire des Grandes Oeuvres de la Littérature Française. Paris: Larousse, 1997. (In Extenso), pages 435-438.

^{xxvii} Cf. Kant, teoria da autonomia e heteronomia. “As palavras autonomia e heteronomia tem sido empregadas em sentidos diversos. Há uma acepção puramente kantiana, rigorosa, que só se compreende nos quadros da *Crítica da Razão Prática* e de suas obras complementares como *Metafísica dos Costumes*.” (REALE, 2002, p. 658)

^{xxviii} MAY, Rollo. Psicologia existencial. 3ª ed. Porto Alegre: Globo, 1980, p. 49

^{xxix} Camus, Albert. O Estrangeiro. Lugar: Editora, ano, p. 78.

REFERÊNCIAS

ARAKI, Violeta Ayumi Teixeira – **O estrangeiro** - <http://www.lendo.org/o-estrangeiro-de-albert-camus/> acessado em 10/10/2011 as 12:52

BAUMARCHAIS, Jean-Pierre; COUTY, Daniel. **Dictionnaire des Grandes Oeuvres de la Littérature Française**. Tradução de Walter Mendes dos Santos. Paris: Larousse, 1997. (In Extenso)

BEAUVOIR, Simone de – **A força das Coisas** – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CAMUS, Albert – **O Estrangeiro**. Tradução Antônio Quadros – São Paulo: Abril Cultural, 1982

_____. **A Peste** – Rio de Janeiro: Editora Opera Mundi, 1971. p. 09 – 55.

_____. **O Mito de Sísifo – Ensaio sobre o absurdo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

_____. **Diário de Viagem**. Tradução de Valerir Rumkanek Chaves. 2ª ed. **Rio de Janeiro**: Editora Record, 1978.

CARDOSO, Luiz Fernando – **O Estrangeiro - Através da história de um homem que mata outro por nada, Camus critica a incessante busca de significados para os acontecimentos da vida humana** – Disponível em: <http://www.literatsi.com/resenha/livro/estrangeiro/> acessado em: 11/10/2011 às 15:30
Não paginado.

FONSECA, Ludmilla Carvalho. **O homem extraordinário de Fiódor Dostoiévski e o homem revoltado de Albert Camus**. Brasília, 2010. 124 f. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura) Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

GONÇALVES JUNIOR, Arlindo F. **A noção de inautenticidade em Heidegger e Sartre** – Reflexão, Campinas, 30 (87), p.31-41, jan/jul, 2005.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos – O breve século XX: 1914-1991** – São Paulo: Companhia das Letras, 1995

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. 3ªed. São Paulo: Editora Arx, 2007.

LAURITI, Tiago – **A estética do absurdo em ‘O estrangeiro’ de Albert Camus** – Revista Multidisciplinar da Uniesp – Saber Acadêmico – São Paulo, nº 08, 27 – 34, Dez. 2009.

MARTINELLI, Bruno Oliveira. **A filosofia camuflada de Jean-Paul Sartre e Albert Camus**. São Paulo, 2011.169 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-15122011-162509/>>. Acesso em: 2012-06-12.

MICHELAZZO, José Carlos. **Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.